

Aula 9

LOURENÇO, PRIMEIRO MISSIONÁRIO JESUÍTA EM SERGIPE

META

Apresentar o mundo de pertencimento cultural dos missionários jesuítas que vieram ao Brasil e a Sergipe catequizar indígenas no final do século XVI.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá explicar os aspectos da cultura dos missionários portugueses mencionados.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas 01 a 08.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Antes de começarmos a temática desta aula, sugerimos que você recorde a Aula 4, quando estudamos sobre o que é cultura. O retorno a essa aula provavelmente o ajudará a compreender melhor as novas lições daqui para frente.

Qual a idéia principal da Aula 4? Gostaria de lembrar a você que a discussão central é sobre cultura. Observe, de igual maneira, que os textos posteriores à Aula 4 – aulas 5 e 7 - nos ajudaram a compreender que existem culturas diferentes entre os primeiros povos do Brasil. Portanto, não há somente a cultura dos tupinambá, e não se pode, de igual forma, pensar somente na diferença entre duas culturas: a do colonizado e a do colonizador.

Gostaríamos que você atentasse na Aula 5, por exemplo, para o ritual de um pai tupinambá em quarentena. Lembra o que indagamos sobre esse ritual? Um simples ato de cuidar do recém-nascido masculino – o menino tupinambá - é revestido de muitos significados na cultura tupinambá. Podemos encontrar nesse fragmento de cultura uma “chave” de compreensão do modo de ser tupinambá, mas não da cultura dos outros, os não tupinambá, mais conhecidos como “tapuia”. Lembre-se da nossa dificuldade de apresentar indícios desses outros. Mesmo dialogando com a Arqueologia, ainda não temos muitas pesquisas que revelem a diversidade cultural que havia no território sergipano muito tempo antes da chegada do colonizador.

Não podemos dizer o mesmo sobre os outros povos, também diferentes, que moravam no “Velho Mundo”. Há uma considerável bibliografia a nos ajudar na compreensão dessa gente que vinha do mar à terra de “Pindorama”, como era chamado o Brasil na cultura tupinambá. Portanto, precisamos saber sobre a cultura desses povos que chegaram pelo mar.

Todavia, não vamos adentrar muito na história desses povos. Você terá disciplinas que, possivelmente, cumprirão esse propósito. Abordaremos aspectos da cultura deles que nos interessam para a História de Sergipe.

Vamos compreender parte da cultura dessa gente do outro lado da América? Será que também podemos dizer que existe uma cultura européia? Portugal faz parte da cultura européia? Ao pensarmos o modo de ser europeu, entendemos os portugueses? Os colonizadores e os padres tinham uma cultura comum?

A partir desta aula iremos apreender alguns aspectos da cultura dos colonizadores portugueses.

Nosso propósito é apresentar uma introdução ao mundo de pertencimento desses colonizadores. Destacaremos quem foi o primeiro missionário em catequese em Sergipe no final do século XVI, Padre Gaspar Lourenço. Nosso principal objetivo é apreciar o “mundo” de pertencimento do jesuíta Gaspar, sua sociabilidade e visão de mundo a partir do momento em que

chegou ao Brasil, na fase de sua formação sacerdotal. Desejamos, portanto, saber quem eram e o que propunham seus educadores; quais as primeiras práticas religiosas de Gaspar depois de ordenado e em que acreditava.



Jesuítas (detalhe). Pintura de Benito Calixto.

SANTO OU HERÓI?

Lourenço era um “santo e operoso missionário Jesuíta na catequese do Brasil, a que prestara relevantíssimos serviços”, escreveu Almeida no texto *Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe: padre Gaspar Lourenço*. Com os termos “santo”, “operoso” e “relevantes serviços” Almeida expõe sua interpretação sobre a trajetória de Lourenço em Sergipe no final do século XVI. Ele quer deixar claro que Gaspar foi um jesuíta importante na História de Sergipe e na Companhia de Jesus. Um homem religioso que enfrentou a natureza hostil, os índios selvagens e, bem instruído pelos seus educadores, foi um incansável trabalhador na obra de expansão da Igreja de Cristo no Novo Mundo. Almeida é explícito em afirmar que Gaspar foi um “santo”.



Juízo Final. Pintura mural (detalhe) Fundadores de ordens religiosas - Sta. Tereza, Sto. Inácio Loiola (SJ), São Domingos (Dominicanos), Papa Pio X (Renovação da doutrina social da Igreja) e São Francisco de Assis (Franciscanos). (Fonte: http://www.igrejasaopegrino.org.br/sp/home_arquivos/home_arquivos/imagens/pinturas2/juizofinal3.jpg)

Você deve estar se perguntando: de que “lugar” fala o autor de *Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe*? O termo “lugar” remete ao “pertencimento” do autor. A pergunta é pertinente porque quer saber a que cultura, instituições e agrupamento social Almeida pertence.

É evidente que sua escrita se aproxima da perspectiva de Felisbelo Freire, quando apresenta a idéia de que a missão dos jesuítas era contribuir com a civilização do homem através da paz e do evangelho, diferentemente de outros colonizadores interessados na conquista do território sergipano

pelo uso das armas, como foi o caso dos criadores de gado. Mas, Almeida não se filia ao universo cultural letrado de Freire que opta pela ciência de **Darwin** e **Spencer** do final do século XIX. Almeida percebe em Gaspar, sacerdote, alguém próximo a ele, também sacerdote. Pensa nesse missionário jesuíta como um protagonista da fé católica, um homem piedoso que trabalhava incessantemente em converter as almas. Assim, como deu para você perceber, o autor pertence à instituição Igreja Católica.

Ver glossário no final da Aula

Mas, em que ocasião escreveu tal texto sobre Gaspar? Almeida escreveu em comemoração aos quatrocentos anos da entrada de Gaspar na Companhia de Jesus. Segundo ele:

Transcorre, neste ano de graça, de 1953, o IV centenário de sua entrada na Ordem da Companhia de Jesus, como noviço, para acabar depois um santo e operosíssimo missionário Jesuíta na catequese do Brasil, a que prestara relevantíssimos serviços (ALMEIDA, 1954, p. 33).

Você percebeu que o texto de Almeida faz apologia a Gaspar, apresentando-o como um homem santo? Ele em quase nada se distancia do objeto de estudo.

Entendemos que a “galeria dos santos” não é diferente da “galeria de heróis” dos historiadores não profissionais. Você já sabe qual é nossa versão sobre essas idéias de homens ilustres, heróis da História.

No lugar de “santo” ou “herói” não vamos rotular Gaspar de “vilão” ou de qualquer outro adjetivo que o enquadre na figura de um colonizador cruel, que pode ser visto como um agente aparentemente protetor dos primeiros habitantes.

Mas, é possível compreender a trajetória de Gaspar sem as versões maniqueístas que o transformam em “santo/herói” e “vilão”.

Façamos uso da compreensão desse personagem como “porta-voz” da cultura dos jesuítas e da expansão da cristandade.

Faremos uma releitura das fontes e da própria abordagem de Almeida. Iremos recorrer a outros dados sobre Gaspar, dispersos nos textos dos autores da bibliografia que apresentamos no final desta aula.

TRAJETÓRIA DE VIDA DE PADRE GASPAR LOURENÇO

Lourenço nasceu em 1535, na Vila Real de Traz os Montes, em Portugal. Essa região foi fundada em 1289, pelo foral do rei D. Dinis. Ela está situada na Região Norte e na atual sub-região do Douro. Situa-se num planalto cercado por várias montanhas, de onde se destacam a Serra do Marão e a do Alvão. Encontra-se a cerca de 460 metros de altitude. Atualmente

é limitada ao norte pelos municípios de Ribeira de Pena e de Vila Pouca de Aguiar; ao leste, por Sabrosa; ao sul, pelo Peso da Régua; ao sudoeste, por Santa Marta de Penaguião; ao oeste, por Amarante e ao noroeste por Mondim de Basto.

Vejamos no mapa onde se localiza hoje o distrito de Vila Real, em Portugal.

Gaspar Lourenço chegou ao Brasil – Bahia – em 1550, com 14 anos de idade, onde foi educado pelos jesuítas. Por volta de 1553, entrou para a companhia de Jesus e se ordenou em 1560, com 25 anos de idade. Quinze anos depois, em 1575, com quarenta anos de idade, fazia missão em Sergipe.

Você deve atentar para a idade de Gaspar quando fazia missão em Sergipe, em 1575. Observe que a idade de quarenta anos pode revelar um missionário experiente em missões jesuítas no Brasil.



Distrito de Vila Real, Portugal (Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fe/LocalDistritoVilaReal.svg>)

VOLTEMOS A NARRAR PARTE DE SUA TRAJETÓRIA DE VIDA

Lourenço foi um ajudante anônimo da construção, em 1554, da cabana (colégio) do Piratininga. Ele e outros **neófitos** auxiliaram os superiores, José Anchieta, por exemplo, na empreitada dessa fundação do pátio do Colégio Piratininga.

Ver glossário no final da Aula

O nome de Lourenço não aparece no catálogo em que Anchieta relaciona, em 1554, os jesuítas existentes nas quatro povoações compreendidas

em toda a capitania de S. Vicente. De acordo com Almeida, a não inclusão foi proposital “pelo fato de, então, serem ambos ainda noviços da Companhia, entrado nela há um ano apenas e não Irmãos...” (ALMEIDA, 1954, p. 140).

Ainda segundo Almeida, foi no Colégio Piratininga que Lourenço deu continuidade à sua formação iniciada com os jesuítas na Bahia. “De par com a prosperidade do Colégio e da Povoação”, - afirma Almeida – “nele floresciam a idade, a virtude e o saber requeridos para o sacerdócio que pretendia receber mais tarde” (Idem, p. 141).

Um dos mestres do colégio Piratininga foi José Anchieta. Gaspar foi discípulo de Anchieta, provavelmente aos 18 anos de idade.

JOSÉ DE ANCHIETA: UM MESTRE DE GASPAR LOURENÇO

Nasceu em 19 de março de 1534, em Tenifre, Ilhas Canárias, um arquipélago espanhol no Oceano Atlântico.

Anchieta foi estudar em Coimbra, Portugal, aos 14 anos de idade. Após estudar nessa cidade portuguesa, ingressou na Companhia de Jesus, em 1551. Fez o curso superior de Humanidades e tornou-se excelente latinista. Em 1553, emigrou para o Brasil em companhia do padre Luís Grã e outros seis noviços. Luiz Grã, posteriormente, ocupará o cargo de provincial dos jesuítas na Bahia, na ocasião em que o padre Gaspar Lourenço fará missão em Sergipe, no ano de 1575.

Anchieta trabalhou dez anos na região de São Paulo, como superior, e depois outros dez anos como provincial do Brasil. Faleceu em 9 de junho de 1597, em Reritiba, hoje cidade de Anchieta.

Anchieta foi protagonista ativo da fundação do Colégio Piratininga e de parte da educação dos neófitos, incluindo o jovem Gaspar, como acima nos referimos. Como os demais formadores dos novos jesuítas, Anchieta considerava importante aprender a língua tupi para introduzir o índio no mundo cristão. Mas, esse projeto de evangelização dos primeiros habitantes do Brasil não foi fácil quanto à tradução da língua Tupi.

Vejamos no texto abaixo um exemplo de problemas de tradução.

O projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro, e este foi o empenho do primeiro apóstolo. Na passagem de uma esfera simbólica para a outra Anchieta encontrou óbices por vezes incontornáveis. Como dizer aos tupis, por exemplo, a palavra pecado,

se eles careciam até mesmo da sua noção, ao menos no registro que esta assumira ao longo da Idade Média européia? Anchieta, neste e em outros casos externos, prefere enxertar o vocábulo português no tronco do idioma nativo; o mesmo faz, e com mais fortes razões, com a palavra missa e com a invocação a Nossa Senhora:

Ejorí Santa Maria,
Xe anáma rausubá!

Vem, Santa Maria,
Protetora dos maus! (BOSI, 1992, p. 65).

Você certamente estaria perguntando: o que seria esse projeto de cristianização dos primeiros habitantes? Por que a necessidade de introduzir na língua tupi as palavras “pecado”, “missa” e “Nossa Senhora”?

Deixemos para a próxima aula a tarefa de refletir sobre tais questionamentos. Vamos perceber o texto anterior como auxiliar na compreensão do fazer social dos padres jesuítas no século XVI. Entenda as dificuldades da tradução da língua como um aprendizado do projeto de cristianização dos povos indígenas, em que Lourenço se fez presente. Retomemos a compreensão de aspectos da trajetória de vida de Gaspar Lourenço.

A primeira gramática foi a de Anchieta, escrita entre 1555-56, em São Vicente, e publicada em 1595. Uma outra, tupi, foi escrita no século XVII por Luis Figueira, quando o foco da ação jesuítica passou a ser as colônias mais ao norte (Maranhão e Grão Pará). Anchieta ainda colaborou com Manuel Viegas na elaboração de uma arte na língua Marominin.

PADRE LEONARDO NUNES: OUTRO FORMADOR DE LOURENÇO.

Logo quando ingressou na Companhia de Jesus, Lourenço passou a dominar muito bem a língua tupi. Segundo Almeida “Já vinha se exercitando na prática da língua da terra desde que chegara a Bahia, com os curumins de lá e, depois, em S. Vicente, com os filhos dos gentios que aí doutrina-vam” (ALMEIDA, 1954, p. 141). Antes de ser ordenado jesuíta, tornou-se afamado intérprete da língua tupi, servindo a diversos padres e nas missões de Mem de Sá para expulsar os franceses do Brasil.

São Vicente foi o local onde Lourenço mais aperfeiçoou o tupi e foi ali que ele contou com os incentivos do afamado padre Leonardo Dantas.

A data de nascimento de Leonardo é ignorada pelos pesquisadores. Sabe-se que ele nasceu em Portugal, na Vila de S. Vicente da Beira, diocese

da Guarda, e que ingressou no dia 6 de fevereiro de 1548, na Companhia de Jesus, no Colégio de Coimbra. Chegou ao Brasil por Thomé de Souza, em 1549, juntamente com outros cinco religiosos, entre os quais o próprio Manuel da Nóbrega, diretor da missão no Brasil.

Chega a São Vicente com o jesuíta Diogo Jácome, em missão comandada por Nóbrega, com o objetivo de catequizar os índios e ao mesmo tempo trazer de volta para a religião o homem branco e o mestiço da povoação.

Em São Vicente, Leonardo instalou um seminário que foi o primeiro colégio da povoação vicentina, onde ensinava latim e português, as normas eclesiásticas e o catecismo. Como Anchieta, aprendeu a falar o idioma tupi para poder comunicar-se com os gentios. Conforme Almeida, Leonardo abriu uma escola de formação religiosa onde acolheu “o menino órfão Gaspar Lourenço, matriculando-o como estudante, candidato ao sacerdócio consagrado às missões do Brasil”

A maioria dos autores destaca a grande quantidade de viagens e missões de Leonardo. Refere-se a ele como padre que se locomovia de forma rápida, pelo meio primitivo e inóspito do Brasil do século XVI, e que os índios o apelidavam de Abareveve ou Abarebebê, que em tupi significa padre voador.

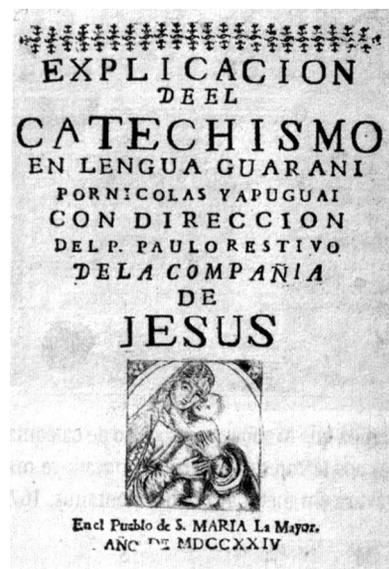
No sítio Piratininga, Leonardo também participou efetivamente da fundação do colégio de formação dos novos jesuítas, onde se fazia presente o jovem Gaspar Lourenço.

Em julho de 1554, o Padre Leonardo Nunes é escolhido para ir a Roma informar ao geral da Companhia de Jesus do estado em que se achavam as missões brasileiras. Embarcando em Santos, uma tempestade fortíssima abateu-se sobre o navio, dois ou três dias depois da saída, fazendo com que o barco naufragasse no dia 30 de julho de 1554, perecendo, infelizmente, o Padre Leonardo Nunes e muitos outros da tripulação.

LOURENÇO A SERVIÇO DA CATEQUESE NOS ARREDORES DA BAHIA (1560-1575)

Depois que o Governador **Mem de Sá** assumiu o Governo do Brasil (1557-1572), tomou novo incremento a catequese nos arredores da Bahia. Para a catequese, nessa localidade, necessitava-se de um grande número de “línguas”, “formados no espírito do devotamento à causa da evangelização dos silvícolas”. Na direção desse projeto de missão na Bahia, estava o novo provincial dos jesuítas, o padre Luis Grã. No começo de suas atividades percebeu a falta de “línguas” e oradores para a Bahia.

Na leva de novos missionários que chegavam à Bahia encontrava-se



Catecismo empregado na catequese indígena. Nicolas Yapuguay, 1724.

Ver glossário no final da Aula

Lourenço, ainda não ordenado jesuíta. Na bagagem de Lourenço havia a larga experiência de formação adquirida desde a infância, sob a orientação dos primeiros missionários jesuítas do Brasil, os trabalhos entre os índios do litoral de São Vicente e do planalto de Campos de Piratininga, além dos três primeiros anos de convivência com os **curumins** na Bahia, ao chegar criança de Portugal.

Retorna à Bahia como “língua” afamado e grande “orador” sacro. A pregação iniciava quando entrava nas aldeias, falando com voz alta, declarando aos índios a causa de sua vinda. Em muitas aldeias em que estabeleceu residência ensinou o tupi aos colegas de missão.

Recebeu todas as ordens, menores e maiores, em 1560, na Bahia, do segundo Bispo do Brasil, D. Pedro Leitão. O responsável pelo retorno do padre Lourenço à Bahia foi o provincial padre Luis de Grã. Possivelmente sua primeira missa depois de ordenado tenha sido na aldeia do Espírito Santo, na Bahia. Segundo Almeida, foi na capela do Espírito Santo “o primeiro encargo que o padre Gaspar recebeu de seus Superiores, depois de elevado ao presbiterato” (ALMEIDA, 1953-1954). Permaneceu nesta capela até março de 1561, quando assumiu a tarefa de restaurar a Aldeia de S. João, com problemas de catequese dos indígenas.

A aldeia de S. João foi assolada pelo flagelo da peste, em 1563, depois de dois anos da epidemia que proliferava em várias aldeias da Bahia. Também na aldeia S. João ocorreram inúmeras mortes de índios. Lourenço, missionário nessa aldeia, prestou inúmeros auxílios aos enfermos, inclusive trazendo um médico e enfermeiros.

Lourenço não se limitava aos trabalhos de missão somente na aldeia de S. João. Deslocava-se, na maioria das vezes a pé, de um lugar para outro, do norte ao sul da Bahia, até à capitania de Ilhéus, ajudando seus colegas e o provincial Luis de Grã nas catequese, nas missas e batismos solenes. Com o provincial Grã, fez infindáveis missões como um afamado “língua” e como experiente no manejo da entrada do sertão, na navegação dos rios e no trato com as resistências indígenas com a catequese. Uma prática de missão muito parecida com um dos seus primeiros mestres, o padre Leonardo Nunes.



O evangelho na selva. Pintura de M. Faria.

Outra aldeia onde Lourenço trabalhou foi a de Santo Antônio, próxima ao rio Real, possivelmente a partir de 1568. Ele fora enviado a essa aldeia para o serviço de apaziguamento dos índios fugidos da escravidão e que se exilavam perto do rio Real. Segundo Almeida, “teria sido enviado, então, o padre Gaspar Lourenço, visando-se com essa medida prevenir outras conseqüências mais graves, dada a respeitosa estima e grande força moral que esse missionário desfrutava junto aos índios” (ALMEIDA, op. cit., p. 162).

Há indícios da passagem de missionários jesuítas – incluindo Lourenço – nas terras de Sergipe, por volta de 1567, atravessando o rio Real e atingindo o sertão de São Francisco. Diz Almeida que

é provável que o Pe. Luis Grã tivesse nessas 40 léguas pisado em terras de Sergipe e que um dos companheiros Padres, tivesse sido o Pe. Gaspar Lourenço que então, andava invariavelmente, acompanhando o **Provincial** nessas incursões difíceis e arriscadas (Idem, p. 171).

Ver glossário no final da Aula

A missão de Lourenço em Sergipe somente começaria no ano de 1575, quando o provincial dos jesuítas na Bahia era o jesuíta espanhol Inácio de Tolosa (1572-1577). O novo provincial nasceu em Medina Celi, no ano de 1533, e ingressou na Companhia de Jesus em 25 de março de 1560. Chegou ao Brasil em 1572.

Outros jesuítas: Jacome, Luis da Grã, Antonio Rodrigues – diretor da escola primária do Piratininga, Manoel de Paiva, Afonso Braz, Nóbrega.

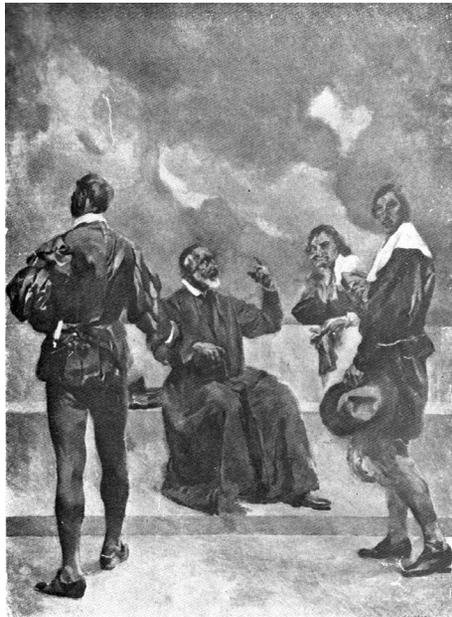
Muito antes de Sergipe ser colonizado, em 1590, esses padres faziam-se presentes entre os primeiros habitantes, ensinando-lhes um novo modo de ser que os levasse a ter religião, lei e rei. Eles ensinavam aos índios, principalmente aos tupinambá, habitantes mais do litoral, rituais, símbolos e visões de mundo da cultura que vinha da Europa, de uma instituição religiosa chamada Igreja Católica que passava por inúmeros processos de mudanças.

Que rituais, símbolos, visões de mundo seriam estes? Quando falamos “mundo dos jesuítas” o que queremos dizer? O que significa “mudanças que a Igreja Católica passava”?

Vamos entender, primeiramente, nas próximas aulas, o surgimento da Companhia de Jesus e as mudanças por que a Igreja passava no século XVI.

CONCLUSÃO

Os missionários que catequizaram nossos primeiros habitantes foram homens de carne e osso, pertencentes à sua cultura. Lourenço não foge a esse aspecto. Sua atuação na Bahia e em Sergipe inscreve-se nos propósitos da Companhia de Jesus.



Conjunto alegórico onde o P. Antônio Vieira é rodeado por João Pinto Ribeiro, Febo Moniz e D. Luiz de Menezes. Pintura mural de Columbano no Parlamento Português (Assembléia Nacional). In: Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo IX, contracapa.



RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula, estudamos, inicialmente, como era o mundo de pertencimento de três culturas distintas: a dos europeus, a dos jesuítas e a dos índios brasileiros. Em seguida, conhecemos o perfil do desbravador Gaspar Lourenço, padre jesuíta que percorreu parte do território brasileiro, no afã de catequizar os indígenas. Depois, acompanhamos a visão histórica de alguns estudiosos e a opinião pessoal do historiador Aurélio Vasconcelos de Almeida, que considerou Lourenço como um santo. Você viu o esforço para transferir a fé católica para os índios, as dificuldades com a língua tupi e os costumes indígenas e, finalmente, o preâmbulo das mudanças por que passava a Igreja Católica.



ATIVIDADES

Complete seu blog com mais textos e fotos sobre os jesuítas no Brasil. Não se esqueça de deixar espaço para o missionário Lourenço.

REFERÊNCIAS

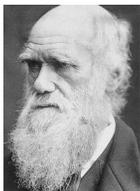
ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe: Pe. Gaspar Lourenço, **Revista do IHGSE**, n. 21, 1953-1954, v. XVI. BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MOTTA, Marcus Alexandre. **Anchieta, dívida de papel**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

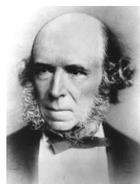
BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. **Os línguas e a gramática tupi no Brasil (século XVI)**. Disponível em <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A_19-20_01.htm>. Acesso em 3 de julho de 2007.

VASCONCELOS, Simão. Recopilaçam da vida do P. Ioseph de Anchieta. [s.n.], [S.l.], 1672. In: ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. **Vida do primeiro apóstolo de Sergipe**: Pe. Gaspar Lourenço, *Revista do IHGS*, n. 21, 1953-1954, v. XVI, p. 140.

GLÓSSARIO



Charles Darwin: Cientista e naturalista inglês (1809-1882). Elaborou a teoria da evolução das espécies. Autor de *A Origem das Espécies* (1859)



Herbert Spencer: Filósofo e sociólogo inglês (1820-1903). Aplicou as teorias de Charles Darwin ao estudo da sociedade, elaborado o chamado “darwinismo social”, embora jamais tenha utilizado o termo. É autor de *O indivíduo contra o estado* (1884).

Neófitos: O que está para receber ou acabou de receber o batismo. 2. O converso ou prosélito novo. 3. O recém-admitido numa corporação.



Alfredo Bosi: Crítico da literatura e historiador brasileiro (1936). Professor titular de literatura brasileira da Universidade de São Paulo. É membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu Machado de Assis: O Enigma do Olhar (1999).



Mem de Sá: Fidalgo e administrador português (1500-1572). Foi o terceiro governador-geral do Brasil (1558-1572).

“Línguas”: Eram os homens, normalmente padres jesuítas, que conseguiam falar na língua dos indígenas, o tupi.

Curumins: Crianças, na língua indígena. Então, o padre Lourenço, tendo vivido por três anos entre os “curumins” na Bahia, aprendeu muito da língua tupi com eles.

Provincial: Pertencente ou relativo a província. S. m. O superior de certo número de casas religiosas.